

## Entre Hollywood e Bollywood

Maria Tasheva

(de “Caixa de correio para contos”, ed. Geri Turiyska, parte 2)

Desde criança imaginava como iria casar, teria filhos, cão, casa arrumada, muitas flores, dias de sol, jogos de família – como nos filmes. Ao contrário – criança chorando, ranhos, noites de insônia, caos, nem um único par de meias inteiras, falta de tempo pessoal, a vida quotidiana e em geral uma vida mediana. Não me estou a queixar mas alguém tinha que contar o que se passou com a Cinderela após os três dias de festa.

A minha avó repetia sempre: “Filha, tens de saber que há destino que te dirige e de que não podes fugir não importa o que fizeres”. Quando ela conheceu o avô tinha 18 anos. Moravam em aldeias vizinhas. Ela – a única filha do homem mais rico nos arredores, ele – um pobre estudante de Medicina em Sófia. Um grande amor! Mas fracassaram, assim a minha avó engravidou antes do casamento. Ela lho disse e em seguida não o viu nem o ouviu por duas semanas. Era inverno e a mulherinha tomou a decisão dura de ir à Sófia no dia seguinte para buscar onde fazer aquilo que se fazia para esconder a vergonha. Acordou cedo de manhã e foi à estação ferroviária mas por causa da queda intensa de neve uma enorme rocha caiu nos trilhos e os comboios não passavam. Voltou à casa e à noite chegou o avô com a família toda para lhe pedir a mão e organizar o noivado. Ainda bem que foi o azar porque a minha mãe como também eu própria não existiríamos. Ora, é como um filme. E assim, 55 anos de casamento. Destino! Destino maravilhoso!

Ainda criança gostava muito de a avó contar-me esta história e sonhava com um cavaleiro, que eu fosse uma princesa e que se duelassem por mim, com um vestido de crinolina e uma coroa de ouro. Porém, eu cresci e esqueci o destino. E quando conheci o meu marido eu fazia o sinal da cruz e pensava “coitada, aquela que casa com ele”. Durante muitos anos eu o olhava a agitar-se nos clubes nocturnos e fiquei estremecida. Dez anos mais tarde nós estamos casados!? Eh pá, o destino, pá.. anda a zombar de mim, ora o quê? Mas, eis a aposta que nós fizemos e o amor começou a arder. Como num filme. Daqueles bonitos – os americanos. Como “As pontes de Medison”. Destino! Eh, avóooo, avó, tinha razão – não posso fugir do meu destino.

Não falamos que mesmo antes de nos conhecermos, de brincadeira fizeram bruxarias de café e disseram-me que a minha felicidade estava ligada com um lugar de flores. E agora moramos na rua metropolitana chamada “Violeta”. E ponho-me a pensar se foi por acaso ou é este o destino de que não se pode fugir. E já estou no filme. Há uma conspiração mundial? Há extraterrestres ou força cósmica? Estão a pulverizar-nos por cima para nos fazerem adoecer? Comemos OGM ou é que nós somos OGM? Ora, filme.

O meu filme não é mau, é como uma tragicomédia. Todas as semanas compro bilhete de lotaria e nada. As pessoas ganham qualquer tipo de jogos ou encontram algo na rua, e eu poderia encontrar apenas uma merda de cão. Um dia o destino sorriu mesmo para mim – ganhei 2 levas da loteria. Que fixe! Que luxo! Disse cobras e lagartos do destino e meti o bilhete no porta-luvas do carro. Esqueci-o. Até ao momento de me encontrar no parque de estacionamento de Iliyantsi com todo o dinheiro gasto. E o estacionamento custa 2 levas que se pagam ao sair. E agora o quê? Eu não tenho 2 levas, 2 levas não tenho. E lembro-me daquele bilhete maldito de lotaria com o qual eu pensava que o destino se zombou mais uma vez. Mas não, teve outro plano. Rapidamente recebi o prêmio no posto de gasolina mais próximo e tornei-me dona orgulhosa de 2 levas. Estava a sentir-me como no filme “Quem quer ser bilionário?”. É assim que se fazem os filmes. E não é verdade que 2 levas não podem consertar a vida.

Pois com o estacionamento pago e a consciência pura voltei à casa onde eu sou a personagem principal. Cada um com o seu papel – para o pequenino eu sou a polícia má e o pai – o polícia bom. Isso não acontece todos os dias, claro, há dias em que eu sou Cinderela, outros em que sou Dra. Quinn, a Mulher que Cura e também outros em que sou A Princesa e o Grão de Ervilhas. E eu tanto quero ser Peter Pan.

E agora não consigo entender – as coisas dependem de mim ou do destino? A nossa vida é breve e no nosso último instante a vemos como uma fita de filme. Então o destino é o diretor. Portanto não nos resta nada além de estarmos muito atentos no casting, de lermos com atenção o cenário, de não falharmos muito, porque é possível que não tenhamos direito a segunda chamada e de pedirmos o diretor que não mate a nossa personagem antes da segunda cena.

Happy End para todos!